

BOIS DE MATRACA DITANDO A RITUALÍSTICA NO SÃO JOÃO DO MARANHÃO¹

Maria Gezilda e Silva Nascimento²
Antônio Jorlan Soares de Abreu³

RESUMO

Os grupos de Bumba Meu Bois, são as grandes atrações maranhenses durante o São João do Maranhão. Contudo os grupos de sotaque de Matraca, ditam o ritmo das toadas na capela São Pedro e na Avenida São Marçal. Neste trabalho o objetivo é apresentar as percepções obtidas a partir da observação *in loco*, dos grupos de Matraca dentro da Capela São Pedro e suas manifestações em homenagem ao padroeiro São Marçal no bairro do João Paulo. A metodologia utilizada foi a observação sem participação. Na fundamentação há o registro dos elementos folk, que se traduzem pela força e manifestação cultural que a festa representa. Quanto aos resultados, aparecem modulados pela percepção dos pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE Cultura; Folkcomunicação; Folkturismo; Religiosidade; Sincretismo religioso.

INTRODUÇÃO

Os grupos de Bumba Meu Bois (BMB) do Maranhão compõem a qualidade de uma arquitetura arquétipo denominado de Complexo Cultural, por sua composição de encenação teatral, canto, dança, artesanato e religiosidade.

Esses grupos têm um contexto histórico de representação cultural, que se fortalece e se reinventa há mais de dois séculos (Nunes, 2011). Sua existência está pautada em suas crenças, tanto que a maioria dos grupos folclóricos de BMB são considerados de Bois de Promessa (Pacheco, 2000; Sanches, 2000, Cano, 2018).

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22^a Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Instituto Federal do Maranhão-IFMA. Mestra em Biblioteconomia-UFCA Contato: maria.nascimento@ifma.edu.br.

³ Instituto Federal do Maranhão-IFMA. Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação-UNISINOS, Mestre em Turismo-UFPR. Contato: antonio.abreu@ifma.edu.br.

Mas, afinal o que é este Boi de Promessa? São festas de Boi que foram prometidas aos santos, como agradecimento ao alcance de uma graça. Em geral, o fiel promete que tendo a graça alcançada irá colocar o Boi durante um ano, dois anos. Contudo, toma gosto pela brincadeira e decide colocar por enquanto vida ele/ela tiver. É assim que nasce um Boi de Promessa.

Essa brincadeira no Maranhão, assumiu um lugar de destaque e também de resistência. Pois, os grupos são em sua maioria, Bois pertencentes às pessoas da raça negra e povos originários. E que por algum tempo foram impedidos de manifestar sua alegria, sua devoção, sua fé, sua celebração no centro da capital São Luís, por ser considerada uma arruaça.

Nunes descreve no Dossiê de Registro do Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão.

Ao longo de, pelo menos, dois séculos, o Bumba passou por várias fases. De vítima de preconceito no século XIX, por ser considerado brincadeira de “arruaceiros”, essa expressão cultural desfruta, atualmente, de grande prestígio junto à sociedade maranhense (2011, p. 23).

O folclore do BMB, como bem citou Nunes, tem passado por fases. Fases essas que implicam necessariamente em manter-se atuante e resistente, é uma resistência pautada em rejeição, aceitação, diálogos mal resolvidos, dissidências/cisões que resultaram na criação de novos grupos, com sotaques distintos e personagens representativos.

No entorno desta brincadeira folclórica, a religiosidade, como comentado acerca do Boi de Promessa, é algo intrínseco ao comportamento e a sua existência. Tanto que nos barracões mantêm-se um altar com as imagens de santos católicos e encantados (Abreu & Assunção, 2025).

Os credos no BMB vivem em harmonia, como prega no livro dos Salmos 133:1. “Oh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união!”. Essa união que tanto se discute nas narrativas que circulam o convívio em sociedade e os meios de comunicação, e que falta em muitos dos espaços, onde em sua maioria reside a intolerância religiosa e os atos de violência e discriminação.

O objetivo deste trabalho é apresentar as percepções/inferências que os pesquisadores obtiveram ao acompanhar in loco, as manifestações ocorridas na Capela

São Pedro (29/06) e na Avenida São Marçal (30/06) ambas no ano de 2025, a partir do método de pesquisa, observação sem participação, Martino (2018, p. 138) esclarece que “Neste tipo de pesquisa, a pesquisadora se limita a olhar, sem interagir deliberadamente ou participar das atividades”.

O artigo registra em sua composição, devido a quantidade de páginas propostas pelo evento, uma apresentação a respeito do sotaque de matraca e o sincretismo religioso e ao final expõe algumas considerações.

SOTAQUE DE MATRACA

Aos sons das matracas, nos mais variados tamanhos e modelos, uma quantidade considerável de pessoas acompanha os grupos de BMB de sotaque homônimo. Reis (2008, p. 24) afirma que “Neste ritmo o destaque maior são as matracas”.

Sotaque de Matraca ou Sotaque da Ilha, como também é denominado e/ou conhecido, Sousa explica que.

Um dos mais populares existentes no Maranhão, o *sotaque da Ilha* ou *Matraca* é originário da Ilha de São Luís, mais precisamente dos povoados rurais e colônias de pescadores [...]. É um *sotaque* cheio de vigor, que tem na figura do cantador ou *amo* (o que canta balançando um *maracá* e tocando um *apito*) o carisma de um verdadeiro comandante. (2021, p. 73, grifos do autor)

O turista que chega à cidade para conhecer o folclore junino, no primeiro instante fica com o olhar atento e fixo, no segundo momento já se insere na brincadeira e solicita auxílio dos nativos, para também juntar-se ao batalhão de pessoas que carregam o instrumento.

Além das matracas, apito e maracá, Azevedo Neto (2008, p. 39) evidencia que “Os pandeirões repetem as batidas delas. Os tambores-onça marcam e o maracá passeia sobre o som. Mas as matracas sim, é que fazem seu peso”. Assim é o Sotaque de Matraca ou da Ilha. Quase que impossível, conhecer, ver, ouvir e não sentir arrepios, e não procurar um instrumento e juntar-se aos incontáveis matraqueiros que participam da brincadeira.

A festa que nasceu no seio da comunidade marginalizada, ganha destaque e tornar-se um dos símbolos do São João do Maranhão, lá quem dita o ritual são as Matracas. Esta

observação é a pura essência do trabalho de Beltrão (1980), a folkcomunicação. Corroborando com este diálogo Souza (2021) especifica que “Qualquer pessoa, seja ela da comunidade de origem do boi ou não, se estiver de posse de uma *matraca* e souber acompanhar, tem a permissão de tocar” (p. 73 grifos do autor).

HIBRIDISMO RELIGIOSO

A manifestação do Bumba Meu Boi no Maranhão constitui um espaço simbólico onde o sagrado e o profano dançam juntos, revelando a face mais plural da religiosidade brasileira. Entre ladinhas católicas, promessas pagas aos santos juninos, é possível visualizar a incorporação de santos/entidades nos brincantes de boi.

A chegada na Capela São Pedro na noite do dia 28/06 para o dia 29/06, advindos da Casa das Minas (terreiro mais antigo do Maranhão), é uma demonstração clara do hibridismo religioso. Os grupos de matraca e demais sotaques mais antigos, desenvolvem essa ritualística há vários anos, dançam na Casa de Matriz Africana e seguem aproximadamente seiscentos metros, festejando, batendo os tambores e as matracas, para também reverenciar São Pedro.

Carvalho (2000, p. 11) deixa claro que no “Dia de São Pedro -, na Capela e largo do santo padroeiro, [...], durante a madrugada e manhã, os conjuntos de boi dos diversos sotaques prestaram a sua homenagem com grande participação popular”. E Cano complementa.

No Maranhão, especificamente, além da dimensão lúdica, o bumba meu boi apresenta um acentuado caráter religioso que pode ser observado tanto na devoção a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, em suas práticas do catolicismo popular, quanto nos terreiros e rituais afro-religiosos (2018, p. 67-68).

Destacando aqui, a chegada na Capela São Pedro, pelos brincantes do Boi, tendo o boi artefato, guiado pelo miolo (brincante que carrega a carapaça do Boi), que sobem as escadarias de joelhos (levando consigo a estrutura do Boi), ciceroneados por um caboclo de fita ou de pena e auxiliados por demais brincantes, ao adentrar o templo católico, diante do altar onde encontra-se a imagem de São Pedro, torna-se evidente uma espécie de transe, deitam-se diante da imagem, erguem as mãos em sinal de devoção e agradecimento, seus corpos tremem e configuram-se como em incorporação.

A cena segue por longos minutos, o espaço da Capela está completamente lotado, homens e mulheres de idade já avançada, com terços nas mãos, passam as contas entre os dedos e seus lábios pronunciam cantos e orações. Outros se aproximam da imagem para tocá-la e em seguida com a mão que tocou a imagem, levam as suas cabeças e o peito esquerdo, visivelmente emocionados e depois fazem o sinal da cruz.

Outra quantidade de homens e mulheres de diversas idades, quase todos usando as câmeras fotográficas de seus *smartphones*, registrando o momento e tirando *selfies*. Contudo, não foi possível identificar expressões de reprovação e/ou falas, manifestações de intolerância ou discriminação religiosa.

Claramente visível um momento em que a ritualística e devoção de fé ditam as regras e é possível afirmar que naquela festividade, está estabelecido um hibridismo religioso, demonstrando que o espaço físico do grupo é também um território simbólico de fé compartilhada. Essa coexistência religiosa é mais do que tolerância: é convivência harmoniosa.

Os autores Abreu & Assunção (2025) corroboram essa perspectiva ao observar que a religiosidade se manifesta nas celebrações em honra aos santos católicos e também nos rituais vinculados às religiões afro-brasileiras, como o candomblé, umbanda e encantados. A festa, portanto, torna-se expressão de um sincretismo que está longe de ser simples mistura: é uma fusão estratégica de identidades que se fortalece na fé e na ancestralidade.

No bairro do João Paulo, na avenida São Marçal, estes mesmo grupos que estavam na Capela e na Casa, encontra-se em formato de grandes batalhões, seguidos por um trio elétrico, percorrendo o trajeto da Avenida que leva o nome do padroeiro dos brincantes de Boi, São Marçal, contendo uma estátua de 5mt do bispo paramentado e ao seu lado um palco montado para recepcionar os brincantes.

A concentração tem início nas proximidades do quartel do exército, onde fica uma bifurcação de ruas com uma pequena rotatória, contendo nela uma espécie de obelisco com uma outra imagem do bispo, tendo sob seus pais duas cabeças de bois. Essa pluralidade é, de certo modo, a própria alma do Maranhão: diversa, mestiça, devota e festiva. A promessa feita ao santo é cumprida com o boi na rua, mas é também um ato de afirmação cultural, de pertencimento e de resistência diante das pressões da modernidade.

CONSIDERAÇÕES

Este exercício de análise observacional crítica acerca da manifestação cultural, envolto nesse hibridismo religioso no Bumba Meu Boi contribui significativamente para o aprofundamento das discussões sobre religiosidade popular no Brasil, especialmente nos campos da folkcomunicação, da antropologia da religião e dos estudos culturais.

O trabalho contribui para o entendimento da fé como prática social, incorporada às dinâmicas culturais e não restrita à liturgia institucional. Ao tempo em que evidencia o sincretismo como forma de resistência histórica, articulando tradição e reinvenção nos territórios populares.

A discussão busca ampliar a compreensão da ritualística como linguagem comunicacional e identitária, em que o Boi é suporte, símbolo e sujeito de fé e ação política. Essa análise favorece e exige uma discussão comparativa com outras festas populares brasileiras, a exemplo do Congado, do Maracatu e do Reisado. Ao tempo que também coloca em debate os desafios da patrimonialização, que muitas vezes esvazia ou simplifica os sentidos espirituais dessas práticas.

Ao reconhecer o hibridismo religioso como uma chave de leitura do Bumba Meu Boi, esta reflexão fortalece o compromisso da academia com uma abordagem respeitosa, plural e profundamente conectada aos saberes do povo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Jorlan Soares de.; ASSUNÇÃO, Andrey da Silva. **Bumba meu boi maranhense e seus elementos folk**. São Luís: Edifma, 2025.
- AZEVEDO NETO, Américo. **O bumba meu boi no Maranhão**. São Luís: Pitomba!, 2019.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- CANO, Maria da Conceição Salazar. Entre santos e encantados: o universo religioso e o princípio da dádiva no bumba meu boi do Maranhão. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 15, n. 30, p. 67–90, 12 Set 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/9683>. Acesso em: 11 jul 2025.
- CARVALHO, Michol Maria de. Descobrindo e/ou Redescobrindo o Bumba-meu-boi. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, n. 17, p.11-12, 2000. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://cmfolclore.ufma.br/arquivos/d0560ebe3048bfcd7232ff48dad5a842.pdf. Acesso em: 11 jul 2025.
- LIMA, Zelinda Machado de Castro. **O Bumba-Meu-Boi como conheci**. São Luís:

Fecomércio/MA, Sesc, 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

NUNES, Izaurina Maria de Azevedo. (org.). **Complexo cultural do bumba meu boi do Maranhão.** São Luís: IPHAN, 2011.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **O abc do bumba-meboi do Maranhão.** São Luís: Fort Gráfica, 2008.

SOUSA, Arinaldo Martins de. **Dando nome aos bois:** a apropriação do bumba-meboi maranhense e sua invenção como artefato político. São Luís: Edufsma, 2021.